



DIOGO DE MACEDO—SIC TRANSIT GLORIA MUNDI

**Alma**

**Nova**

N.º 2

PREÇO 1\$50 ESC.

# S U M Á R I O

CAPA: Escultura de . . . . .	<i>Diogo de Macedo</i>
SEMANA SANTA (com 1 quadro de Carrière) . . . . .	<i>Antonio Sérgio</i>
A QUINZENA. . . . .	<i>Redacção</i>
PALAVRAS DA PRIMAVERA . . . . .	<i>Antonio de Cértima</i>
TEATRO: A Liga dos Freqüentadores de Teatro . . . . .	<i>Redacção</i>
CARICATURAS DA QUINZENA, de <i>Bagaria, Roberto Nobre e Abel Faivre</i> .	
PERFÍS: II — A. C. (com caricatura) . . . . .	<i>M. M.</i>
OS PAINEIS DA BRASILEIRA (Com 1 reprodução) . . . . .	<i>João Sincero</i>
PÁGINA DAS COLÓNIAS: — Angola . . . . .	<i>João Farmhouse</i>
VIDA ELEGANTE: — A Moda das Meninas . . . . .	<i>Aida</i>
DOS LIVROS . . . . .	<i>Mateus Moreno</i>
PÁGINA DO PORTO: — Atualidades gráficas . . . . .	<i>Representante</i>
NOSSA SENHORA DO AR (Com ilustrações de Domingos Assunção) . . . . .	<i>Marco de Santelmo</i>
M. <sup>1</sup> e PERNA (com ilustrações de Ramalho Louro) . . . . .	<i>Luiz d'Oliveira Guimarães</i>
PÁGINA DE TRÁS-OS-MONTES: — Por Vila Real) . . . . .	<i>M. Silva</i>
CAMILO E CARLOS DE LAET (com 1 desenho de Cristiano de Carvalho) . . . . .	<i>Nuno Catharino Cardoso</i>
POESIA: — "Caixa de amendoas" (com retrato) . . . . .	<i>Luiz d'Oliveira Guimarães</i>
"Impressões de Itália" . . . . .	<i>Maria Magdalena</i>
COMO SE NAMORA HOJE NA INGLATERRA . . . . .	<i>Rebello de Bettencourt</i>
FOLCLORE NACIONAL — A «Dolores» de Catalayud e a «Mariana» do Alentejo . . . . .	<i>Afonso do Paço</i>
NOVELA REGIONAL: — O Profeta do Outeiro (Ilustrações de Saavedra Machado) . . . . .	<i>Afonso Correia</i>
CURIOSIDADES: — Jogos: O Xadrez (com 1 problema) . . . . .	<i>M. Pereira Machado</i>
A PROVÍNCIA: — As nossas feiras e mercados (com gravuras) . . . . .	<i>M. G.</i>
PÁGINA INFANTIL. . . . .	<i>Roberto Nobre</i>



Por motivos que não puderam evitar-se, sai este número com alguns dias de atraso. O próximo sairá, porém, na altura devida, assim como os imediatos, visto já se encontrarem normalizados os nossos serviços de administração.

Que os nossos Ex.<sup>nos</sup> assinantes nos desculpem a involuntária falta, de que, todavia, saberemos remir-nos.

DIRECTOR-FUNDADOR  
MATEUS MORENO  
REDACÇÃO ADMINISTRÇÃO E OFICINAS  
263-R. ESCOLA POLITECNICA-267-LISBOA  
TELEFONE NORTE

DIRECTOR-LITERÁRIO  
EMILIO SALGUEIRO  
EDITOR E ADMINISTRADOR: M. B. CARMONA.  
SECRETARIO: JOÃO FARMHOUSE  
PROPRIEDADE DA EMPRESA "ALMA NOVA"



# ALMA NOVA

REVISTA QUINZENAL DE RESSURGIMENTO, VIDA MODERNA E CULTURA  
LISBOA, 1 DE ABRIL DE 1926

NUM. 2

IV

## SEMANA SANTA

### SEMANA SANTA...

Mais uma vez, vamos celebrar a paixão e morte de Jesus Cristo; mais uma vez, devemos examinar o que conseguimos, nós europeus, com vinte séculos de celebração da sua paixão e da sua morte; mais uma vez, cumpre-nos exclamar ao Crucificado as palavras angustiosas que lhe dirigiu o Poeta:

Agora, como então, na mesma terra êrma  
A mesma humanidade é sempre a mesma enfêrma,  
Sob o mesmo êrmo céu, frio como um sudário;

E agora, como então, viras a terra exangue  
E ouvirás perguntar: de que serviu o sangue  
Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvario?

Coisa que admira os orientais é a divergência que nós mostramos, os europeus, entre o procedimento e a doutrina, e como duma prégação que foi tôda amor, e paz, e fraternidade, fizemos um proselitismo atrabiliário que se impôs pela espada e pelo canhão. Nada impede qualquer chinês de contrair matrimónio por certo culto, de praticar ao mesmo tempo um culto diverso, e de se fazer-enterrar por um terceiro, — isto, sem renegar um para praticar os outros, quanto mais combater e detestar. E nós?

Nós... Mas essa atitude do chinês era a do europeu do Mediterrâneo, era a do grego e a do romano, antes de aparecer a religião cristã. O fanatismo e o exclusivismo não nos vieram daquela origem: foram-nos inoculados pelo judeu.

Os judeus não tinham filosofia; e quando, emfim, as suas tradições nacionais vieram a ser sistematizadas (ou, antes, explicadas e justificadas) deram numa escolástica pueril e numa



CRISTO CRUCIFICADO  
CARRIERE—MUSEU DE LUXEMBURGO

intolerância. A questão do monoteísmo, foi para os judeus um caso terrível. O mal, para eles, não consistiu em adorar um deus que, não sendo ideal, seria indigno por isso mesmo do nosso amor e adoração: consistiu em reconhecer um deus diverso do que era adorado em Jerusalém. Para os gregos, pelo contrário — gente subtil e luminosa — monoteísmo e politeísmo apareciam como inocentes, e, feitas as contas, como compatíveis entre si. Dizer Deus ou os deuses era, tão só, usar de diversas designações para vir a exprimir uma mesma influência: no primeiro caso, vê-la na sua abstracta unidade e na sua relação com todo o existir; no segundo, nas suas manifestações da vida moral, da natureza, da história humana. A combinação de monoteísmo e politeísmo, que vamos encontrar nos filósofos gregos, não era pois uma contradição, mas sim uma inteligente variação de forma no indicar aspectos,

ou funções, que vai descobrindo o nosso espírito no mundo físico e moral. Cada doutrina religiosa, para eles, representava assim o ponto de vista, a representação simbólica do mundo moral, para os indivíduos que a seguiam. Quando as doutrinas religiosas são consideradas dêste modo, as divergências e contradições perdem a violência e a acidez. As religiões, vistas assim, aparecem como melhores ou como piores, mas não como falsas ou verdadeiras. Saibamos encará-las, pois, segundo o espírito autêntico do europeu mediterrânico — antes de inoculado de judaísmo — e a doutrina moral, do Cristo poderá penetrar na realidade: e terá sido redentor, finalmente, o sangue que se derramou pelo Calvário.

Semana Santa... Que Deus, sepultado, ressuscite emfim. Ressuscite — e donde? Da superstição da força e da letra morta, e do espírito judaico em que o amortalharam.

: : ANTONIO SERGIO : :



## A Q U I N Z E N A

**O**BTEVE um esplêndido êxito o n.º 1 da «Alma Nova», tanto da parte do publico, que quasi lhe esgotou logo nos primeiros dias a sua tiragem, como da parte da imprensa, a quem agradecemos as palavras de saudação e incitamento que nos dirigiu.

Procurando corresponder a todos êsses louvores e ao manifesto interesse e dedicação do público, vamos melhorar bastante, não só a parte material e a impressão, mas também algumas secções.

Para os próximos números anunciamos já colaboração de Manuel Ribeiro, Dr. Oliveira Ramos, Dr. José Guerreiro Murta, Carlos de Lemos, Albino Lapa, etc., e de algumas das mais cultas e ilustres senhoras das letras femininas, como D. Emilia Teles de Aguiar, D. Maria de Carvalho, D. Branca de Gonta Colaço, D. Domitilia de Carvalho, a Ex.<sup>ma</sup> Condessa de Proença-a-Velha, etc.

**O**MÊS de Março foi o mês, pode dizer-se, dos aniversários e consagrações. Em 8 celebrou-se o nascimento de João de Deus, em 16 o de Camilo, e em 21 o de Bordalo.

Para a comemoração deste último, os «Amigos do Museu Rafael Bordalo Pinheiro» convidaram o nosso redactor artistico, J. Saavedra Machado, a fazer uma conferência sobre o glorioso caricaturista, na Universidade Livre, conferência que foi lida com muito brilho e competencia por seu irmão, o Dr. Luis Saavedra Machado.

**A**LMEIDA GARRET e João de Deus, há um rôr de anos quasi esquecidos no batistério dos Jerónimos, foram emfim trasladados, no dia do aniversário do segundo, para jazida decente nos confessionários laterais daquele historico templo.

**D**A nossa longíqua colónia de Macau, chega-nos a noticia da morte de Camilo Pessanha, que ali se encontrava há vinte anos.

Camilo Pessanha era um dos mais estranhos e bizarros poetas líricos portugueses. Deixa um valioso livro — *Clepsydra* —, ha anos publicado por um grupo de amigos, e vários poemas dispersos.

No próximo número publicaremos o retrato do poeta em versos de outro grande poeta que foi seu companheiro e amigo.

**F**OI nomeado consul de Portugal em Oran (Argélia), para onde seguiu nos fins de Janeiro último, o talentoso escritor algarvio e nosso colaborador Dr. José Pereira Faísca (Antonio de Monsanto), director da «Revista do Algarve», que suspendeu a sua publicação.

—Também foi nomeado, pela sua competencia técnica e aptidões especiais, vogal-secretário da secção de Marinha Mercante do Conselho Superior do Comércio e Industria, o nosso amigo e colaborador dr. F. do Carmo e Cunha, chefe de repartição do Ministério do Comércio.

**A** «ALMA NOVA», com um grupo de amigos do artista, vai promover um almoço de homenagem a Saavedra Machado, para o que já possui as inscrições necessárias, aguardando apenas que Saavedra obtenha autorização médica para comparecer á referida homenagem, visto ainda não se encontrar completamente restabelecido da sua doença.

**O** NOSSO camarada de redacção, dr. José Guerreiro Murta, cujo successo do seu último livro — «Como se aprende a redigir» — o enfileirou nos nossos melhores escritores contemporâneos, tendo enviado ao dr. Carlos de Lemos um exemplar do referido livro, recebeu do poeta este curioso postal:

### POST-SCRIPTUM...

Pôsto que muito *gramático*,  
*Dogmático* é que eu não sou:  
O papa, com sêr dogmático,  
De dar cincoas não deixou...

Quando um *teórico* a ser *prático*  
Um dia se aventurou,  
Faltam-lhe azas e viático  
Quasi sempre para o vôo.

Eu sei bem, amigo Murta,  
Que a Arte é longa e a vida curta...  
Aprender até morrer!

Assim falou Zaratusta:  
— Fazer crítica não custa:  
Mas arte — custa a valer.

I-III-1926

Carlos de Lemos

**A** COMISSÃO Académica de Propaganda da Cruzada Nacional Nun'Alvares, dirigiu um manifesto aos estudantes de Portugal, incitando-os a reagir, em nome da sua «dignidade de rapazes novos, que tem uma cabeça que pensa e sobretudo um coração que sente», contra os baixos materialismos, contra a anarquia dos governos e contra os interesses parasitários.

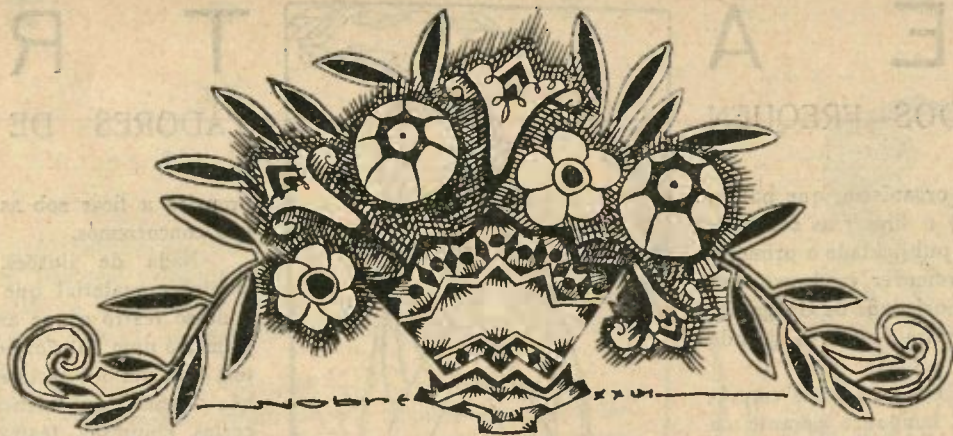
Voz da Mocidade — voz da Raça!

**R**EALISOU-SE tambem no dia 9, a trasladação do cadáver do que foi eximio jornalista, J. A. Moreira d'Almeida; para jazigo que a piedosa amizade dalguns fez erigir no cemiterio dos Prazeres.

A «Alma Nova» recorda o brilhantismo da pena de Moreira d'Almeida, tributando á sua memoria a homenagem a que tem jús.

### NOTA DA ADMINISTRAÇÃO

Enquanto não chegar o papel especial em que deve passar a ser impressa a «Alma Nova», somos forçados a utilizar o do presente número.



## PALAVRAS DA PRIMAVERA

O dia de ontem neste Chiado pacato e frívolo, pelulante e misantrópico, "poudré" de todas as mentiras da civilização e disfarces aristocráticos de bom-tom, foi como uma ôde doirada e quente de Anacreonte sôbre a cabeça fulva das mulheres. Todas quantas passavam pareciam, na verdade, ser portadoras dum halo coruscante de glória, trazendo na pupila clara dos olhos, na pedra faiscante do anel e até nas mechas curtas dos cabelos idealmente oxigenados, lindos, radiosos, passionais, uma chama secreta de feéria que as tornava mais nossas... inimigas.

E como nos bons tempos da flauta viridente de Pan, ecoando pelas líricas campinas da Trácia amena; como nas tardes augurais em que as pombas sagradas levantavam vôo sôbre o disco azul da baía perfumada de Elêusis, os nossos olhos puzeram-se a recompôr a nudez robusta e escultural destas mulheres que subiam ontem o Chiado — còradas, voluptuais, luminosas, com uma grande alegria de amôr a rebentar-lhes do coração, como um vinho quente, e os lábios, mordidos até ao sangue, fechando esta divina tontura interior sob a mancha picante do "bâton". E eu recordei então a expontaneidade leal dos costumes d'outrora, tão perto da natureza, na invenção, e tão longe dela no ritmo estético de viver; evoquei os séculos plásticos de Pericles e da adolescência olímpica de Sofocles e Esquilo, quando as gregas se vestiam propositadamente mal porque eram, despidas, imaculadamente formosas!

E enquanto êstes raciocínios acudiam, num sonho caloroso dos sentidos, uma lufada capitosa trouxe de longe, da festa carnal das arvores da Avenida, o hálito generoso e fremitante da Primavera, que encharcou o ar como um molho báquico de asfódelos gregos. Das copas tumefactas do Camões, um sabor vegetal e impetuoso de seivas novas entornava igualmente, Chiado abaixo, a sua taça fragrante de excitações. No ar doce, a passarada, chilreante e gulosa, bebia a luz do sol como num banquete maravilhoso. E até nas próprias "vitrines" a alma dos perfumes quebrava a forma bizarra e adormecida dos cristais, para comunicar com todas as almas e dar-se, sôfrega, aos pobres, aos visionários e ás crianças...

Tudo isto era, efectivamente, a Primavera.

Com o dia de ontem ela invadiu Lisboa. E só ontem. A respeito das citações imutáveis dos calendários, foi só na manhãzinha de ontem que ela chegou aqui, esparralhando sol, aquecendo os nervos num delírio de forças e estremecimentos novos. Uma costureirita melódica que passava — melodia viva de ânfora etrusca — parecia repetir na romã saborosa dos lábios aquela saudação d'annunziana de Gabriel, estampada nas páginas do "Laus":

"O mattino di primavera  
su la via lavata dall'acqua  
del cielo! . . . . ."

E nos corações, como no pensamento sombrio dos homens, renasceu um amor novo e maior — um amor por tudo e a tudo que nos prende á vida e nos faça sentir e sofrer, nos incite a sonhar, a rir ou a lutar.

Então, desta esquina pacífica donde me habituei a vêr passar a vida na sua cavalgada de febre e grotescos sem nome; onde criei a viciosidade de saborear o absinto das perversões que se ocultam, o cómico dos galanteios mundanos que se exibem; de fixar nos olhos as hipérboles enigmáticas do pecado e sentir bem junto do meu conhecimento as dôres que passam, amordaçadas, a meu lado; os sonhos ingénuos que beatificam um sorriso e as volúpias felinas que certas mulheres escondem na candidez das maneiras; — então senti impectos de gritar a toda a gente do meu país, a todos os moços do meu tempo, para que saibam encher-se de saude e ter fé, para que aprendam com as forças e os símbolos energicos desta Primavera, a viver com sinceridade e paixão, com ousadia, com firmeza e pujança, numa construtiva manifestação de Beleza e clara e apolínea virilidade!

Sejamos todos, sim, por uma grande alma nova, nem romântica nem individualista, mas forte, bela, criadora! Façamos das nossas vontades punhados de labaredas divinas, de fogachos espirituais, para que possamos criar um Portugal laborioso e heroico!

Moços de Portugal: aqui, bem próximo de mim, ou no recanto agreste e libérrimo da vossa Serra, aprendei a erguer as mãos para a Vida, para a Pátria e para a Saude!

Para que votar o ódio pequenino, a guerra mesquinha e inglória a todos aqueles que não se curvam á nossa vontade nem lisongeiavam as nossas ambições — tantas e tantas vezes monstruosamente erradas e daninhas?

Gente do meu tempo: somos todos do mesmo sangue lusitana, logó, que êle saia bem puro e apoteótico do nosso coração, para que Portugal, com êle, possa enamorar-se duma viridência renovadora e florir uma primavera nova de alegria rácica, de fé heroica e energia arrebatada e vitoriosa. Saibamos, por conseguinte, criar e desenvolver o nosso sentido interior. Debrucemo-nos bem para o mundo de imagens e riquezas secretas que conduzimos comnosco e tiremos dali as flamas magníficas de Fôrça e de Beleza com que poderemos servir a actividade espiritual da nossa época e encontrar o nosso gôsto mais nobre e mais delicioso de viver!

ANTONIO DE CÉRTIMA

# T E A

A "LIGA DOS FREQUEN

**E**STE simpático organismo, que parece ter começado a firmar as suas raízes, já deu á publicidade o primeiro manifesto e vai promover em breve uma sessão solene, na Sociedade de Geografia, em que falará, entre outros, o grande orador Dr. Cunha e Costa.

Sem compromissos perante as empresas teatrais, nem tampouco perante os organizadores do original agrupamento, de umas e outras sempre aqui nos occuparemos, pois, sem qualquer *partit-pris*. Porque, estamos certos, franqueando-nos a entrada nos seus espectáculos, as referidas empresas apenas tem em mira que sejamos conscientes, imparciais e justos, assim como a direcção da Liga, solicitando a nossa cooperação, não deverá esperar que alienemos jámais o nosso direito de critica sobre quaisquer dos seus actos, acaso menos rectos ou precipitados.

Mas o que pretende a referida Liga?

Responde o seu manifesto:

«Muito se tem escrito, meus senhores sobre a crise do Teatro em Portugal — e ainda se não disse tudo. Tem-se falado em indisciplina, em desorganização, em decadência, mas não se deu ainda um passo decisivo para converter essa desordem e essa indisciplina, em ordem, em organização e em progresso.

Culpados? Os autores, os actores, os empregários, mas sobretudo o público, o público que tem assistido, afastado, na sua janela, á derrocada do Teatro em Portugal. Mas tudo neste mundo tem os seus limites marcados e nós, publico de Teatro, entendemos que este era o momento de intervir, para não sermos nós

que respeita ao preço dos seus bilhetes, como a que está agora explorando o Trindade e a que se encontra no Politeama.



BERTA SINGERMAN.

a emocionante declamadora argentina, que, visitando-nos de novo, nos acaba de dar, com os seus recitais no Trindade e outros teatros, algumas formosíssimas noite de pura Arte

(Caricatura de Bagaria)

# T R O

TADORES DE TEATRO"

proprios a ficar sob as ruínas para que não concorremos.

«Nada de ilusões. A indisciplina mental e material que pesa hoje sobre o nosso teatro e que ameaça convertê-lo primeiro num balcão, depois numa ruína, tem sido um dos factores predominantes, não apenas da falência desastrosa de certas empresas teatrais, mas até da quasi esterilidade da literatura dramática portuguesa contemporânea. Os palcos portugueses estão sendo verdadeiros campos de batalha de egoismos e de caprichos. A fragmentação cada vez maior das companhias quer dizer apenas, na maioria dos casos,—desinteligência entre a vaidade dos elementos que as compõem. E' contra este estado de coisas que nós vimos lançar o nosso grito de alarme—começando por fundar a Liga de todos aqueles que se interessam pelo Teatro, que procuram eleva-lo, que anseiam transforma-lo naquilo que êle deve sêr: um instrumento de cultura, de aperfeiçoamento e de arte.»

Reiterando uma vez mais os nossos louvores á brilhante iniciativa, achamos que se uma tal instituição muito tem a realizar... mas primeiro que tudo deve preocupar-se com o público, porquanto as empresas não fazem, em regra, mais do que procurar bem servi-lo, servindo os seus próprios interesses, como é lógico. E lembramos, de passagem, que já algumas empresas há que não andam muito



## CARICATURAS

### DA QUINZENA

No Consultorio dentario do Dr. John Bull:

O dr.:

— Na Índia, na China, na Egipto, no sul d'Africa e até na Irlanda; nada me escapa. Com mais sangue ou menos sangue tudo se extrai!

O Zé pavinho:

— O sr. dr. ! atendida a que eu sou a seu mais velho aliado e cliente não me podia fazer a extracção colonial com um pouca mais de... delicadeza? (Des. de R. Nobre, n. 4 Tarde)

NA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

À Alemanha:—Eu sá, e é quanta basta!...

(Des. de Abel Faivre, em Le Journal)



II  
A. C.

**A**DVOGADO e chefe político em evidencia, no tempo em que ser chefe político em Portugal valia alguma coisa, numa certa manhã de nevoeiro impeliu as multidões para a arena e, como a lendária figura dos areais adustos de Alcácer, aproveitando a confusão da luta, escapuliu-se... ninguém mais o viu.

Dizem que está em Paris... E' possível.

Como não mais voltou, porém, deram-lhe, por analogia com o Rei-De-sejado, o cognome de Messias... E de facto, sempre que os destinos pátrios se começam a escurecer, é a sua imagem que a todos se representa, como o Unico! o Redentor!...

Mas a tempestade passa e a corrente volta ao leito. Êle tem um sorriso de alívio, destranca as portas do seu isolamento e expande um vôo, envolto numa nuvem misteriosa, até aos píncaros da Suíça ou da Serra da Estre'a.

As grandes águias ensinaram-lhe as alturas e é, por isso, da eminencia dos píncaros, que êle tomou o habito de olhar-nos sempre...

A caricatura que reproduzimos representa o nosso perfilado com a pasta presidencial da Sociedade de Defeza das Nações, em Génova, última distincção que lhe acaba de ser conferida.

M. M.



A. C.

(CARICATURA DE DERSO)

## OS "PAINAIS" DA BRASILEIRA

**D**EPOIS da discussão dos "paineis" de S. Vicente, a das telas agora inauguradas na "Brasileira do Chiado", constituiu um dos mais acesos e pitorescos assuntos

da quinzena finda. Meia Lisboa tomou ares de letrada e aí foi dizer de sua justiça, ante uma chícara de aveludado café brasílico e a respectiva «cana», da Madeira ou S. Tomé...

O meu visinho Braz, que se farta de apregoar enfáticamente que é pelo "futurismo", embora nada perceba de Arte Avançada, af foi também, e crê, com o sr. V. F., que não só alguns dos quadros estão na verdade muito doentinhos, como também não houve da parte do «infeliz» architecto a mais leve preocupação de lhes preparar sanatório conveniente... Assim é, de facto; mas quanto á afirmação de que o «artífice» não realiso, na arqitectura da sala, obra «futuristica», isso protesto, — porque êle não pode deixar de ter realisado obra genuinamente «futuristica», e do mais avançado «futurismo», consignindo que, nem mesmo quando lhes voltamos as costas, os quadros da Brasileira deixem de estar em nossa frente...



LAVADEIRAS, por Jorge Barradas  
Um dos melhores quadros da «Brasileira»

João Sincero

# P Á G I N A D A S C O L Ó N I A S

## A N G O L A

**R**EFERIMO-NOS, no número anterior, a Angola, Dessa vasta província d'alem-mar trataremos hoje, tão resumidamente quanto nos permite o espaço de que dispomos.

Colónia mixta, visto que nela se encontram os tipos de colónia de exploração, de plantação e de povoamento, respectivamente representados pela riqueza dos produtos espontaneos do seu solo, pela adaptação dêsse mesmo solo a variadissimas culturas e, por fim, pelas magníficas condições climáticas dos seus planaltos—prestando-se á colonização e procreação da raça branca—, Angola precisa de ser valorizada pela assistência de bons colonos e, sobretudo, superiormente governada por quem a conheça bem, tenha iniciativa, actividade e bom senso para promover o aproveitamento de todas as disposições indicadas. Há uma corrente muito importante, preconizando o afastamento da pasta das colónias das vicissitudes da política. Se essa corrente predominasse teríamos entrado no caminho do verdadeiro renascimento colonial.

Com efeito, nos últimos vinte anos, houve dois pequenos períodos em que um certo entusiasmo se notou na governação de Angola: no de Paiva Couceiro e no de Norton de Matos. Pena foi, quando do primeiro, não se ter prosseguido, transformando o regime económico da província, desenvolvendo-se a cultura do algodão, introduzindo-se novas culturas, aperfeiçoando-se as existentes, de conformidade com os estudos feitos e, em parte, insertos no «Boletim Oficial» e no de «Agricultura», que então se publicava. A política, que tem servido baixos interesses, e a intriga, tudo anularam. Nova orientação, se alguma houve, encaminhou a resolução da questão do alcool, justamente pela pior vereda que podia seguir, tendo-se perdido uma oportunidade que difficil é de encontrar de novo. Angola tem pago caro êsse êrro; a redução da exportação do algodão e da borracha clamam-no bem alto. A cultura e a colheita do primeiro não se aperfeiçoou de maneira a introduzir-se aquele produto na indústria da metrópole, como devia succeder; a borracha desacreditou-se pelo pouco cuidado na colheita da latex, a que se misturava terra, areia, pedras e toda a porcaria que acudisse ao pêso, com a esperteza do preto e o assentimento do branco.

É que uma das condições a que deve obedecer o colono é a da moral, para que o seu exemplo e conselho incitem o indígena a imitá-lo.

O segundo período pode chamar-se o da política das estradas. Talvez devido a essa medida económica os rendimentos provinciais tivessem aumentado em escudos, posto que êsse aumento, a nosso ver, derivasse da desvalorização da moeda. Então andou-se mais depressa nas despesas do que conviria caminhar. É defeito de educação ou índole, perdermos a noção das circunstâncias em que se age!

Com mais prudência e menos megalomania, ter-se-ia feito obra mais proveitosa e perdurável: abriram-se estradas, —trabalho grato ao indígena porque, quanto mais acessivel o caminho fór ao camião, menos êle tem de carregar—mas é possível, a estas horas, estarem as mesmas cobertas de capim, exgotados como ficaram os cofres da Província, para acudir á sua conservação!

Mas a crise que atravessa Angola, como Moçambique—é como a maior parte dos países da Europa—é ainda resul-

tante do desequilíbrio financeiro, económico e moral, consequente da Grande Guerra, a que fomos levados em nome de uma aliança secular. De passagem, convem notar que não foi em nome dessa aliança, certamente, que o sub-secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, em Inglaterra, respondeu a um deputado, em 17 do mês findo, que o *Governo Inglês se reservava o direito de julgar das circunstancias em que o auxilio do seu país poderia ser dado, se Portugal dêle precisasse para defender a integridade das suas colónias*. Tal resposta causou justificada extranheza e a imprensa bordou sobre o assunto considerações a que nos abstemos de aludir.

Mas, voltando á situação de Angola, não podemos deixar de confirmar a sua gravidade. Esvoaçam sobre o nosso territorio africano os corvos da ambição, intrigando e caluniando-se. É necessario, primeiro de que tudo, opôr a a essas intrigas e a essas calúnias a acção viril de um povo que quer viver, tradalhando, por que assim tem direito á vida e ao respeito dos outros povos. Desprezemos a mesquinaria dos condutores de patrulhas politicas, servindo o único ideal das suas conveniências pessoais, que têm prendido a atenção da maioria pelo ruido ôco dos seus tambores, trazendo essa maioria afastada da realidade.

Fitemos o verdadeiro interesse pátrio, reatando o fio da história da civilização de Portugal em Africa que, em tempos recuados, foi grande, foi enorme, foi superior á de qualquer outro país com os recursos de um pequeno continente europeu como o nosso.

Essa história, repetimo-lo mais uma vez, não nos envergonha—bem pelo contrário! Porque não prossegui-la, pois, defendendo os nossos direitos, todo um trabalho de séculos: todo o sacrificio de vidas e de fazenda que representam?

Que êsse sangue, que tanto tem regado as plagas africanas, faça delas brotar, com maior vigor, a afirmação incontestável de verdadeira filantropia e de bravos colonizadores.

JOÃO FARMHOUSE

○

A noticia da concessão, a um grupo de italianos, de terrenos em Angola, apavorou certas pessoas.

Só italianos?

Temos uma opinião; que elas se façam a ingleses, a franceses, a alemães, a americanos, a japoneses, e a... portugueses, com as devidas reservas, com todas as reservas da nossa soberania. Isso não nos assusta.

○

É representante da «Alma Nova» em Loanda (Angola) o distinto escritor e oficial do exercito, professor do Liceu daquela cidade, sr. Simeão Vitória.

○

### A SOCIEDADE DAS NAÇÕES ... EM REGIME "SECO"?

Diz-se noutro lugar dêste número, que a Sociedade de Defesa das Nações está em *Génova*. Não é verdade. O nosso revisor quiz aplicar-lhe a lei «sêca», mas não conseguiu... SEM *Genebra* aquilo não se mantinha de facto...



# D O S L I V R O S

LITERATURA FEMININA:-- AS POETISAS-- AS VIRTUDES DA POESIA-- OS LIVROS EM PROSA  
LITERATURA MASCULINA:-- O ESCRITOR ASSIS ESPERANÇA-- UM JORNALISTA-- LIVROS RECEBIDOS

**P**OUCO abundante (e não sei se bem, se mal), mas felizmente selecta, a primavera literária que começa.

Na poesia, por enquanto, apenas três livros femininos: "Renuncia", "Encantamento" e "Últimas canções", respectivamente de Virgínia Vitorino, Oliva Guerra e D. Branca de Gonta. As «vinte e duas mil virgens, cada uma com seu livro de versos, a dizerem-lhes a «eles» o que dantes se dizia a elas», quizeram ferrar este ano uma partida ao sr. Agostinho de Campos. . . , não [lhe] dando pasto a algumas injustiças da sua rabujice. . . Porque, na verdade, o que era a vida sem um pouco de sonho, de ilusão, sem um pouco de poesia. . . mesmo ultra-realista?

Ela é tão necessária como o chá, como o tabaco e até, (oh, sim, ainda!) o próprio rapé. . . para alguns dos nossos mais rançosos avôsinhos. E se se torna um vício, santo Deus!, quem ignora o que isso representa?

Ora, tendo os povos latinos o vício de poetas, como havemos de, latinos da gema, exterminá-lo assim, dum dia para o outro, sem que nos exterminemos a nós próprios?!

Não pretendamos tornar a vida ainda mais penosa e insuportável do que ela já em si é. Modernisêmo-la, ajudêmo-la a despir dos romantismos e das piéguices de ontem, mas com elegância, com diplomacia, com arte, sem bolchevismos exagerados. . .

\*

Se não é demasiada a produção poética feminina, também não pecaram pelo excesso os últimos livros femininos em prosa. Falta de escritoras, ou de público?

Dêste principalmente.

Uma literatura muito útil, onde alguns jovens talentos femininos se têm, todavia evidenciado, é a infantil. E' neste genero o interessante volume de contos, que a poetisa Fernanda de Castro, sob o titulo "Mariasinha em África", acaba de publicar.

Um outro belo livro feminino, em prosa, é o da autora do «Rindo e Chorando» — Luzia —, intitulado «Cartas duma vagabunda»; e informa-me D. Mercêdes Blasco — alma enamorada da Beleza, em eterno sonho de Primavera —, que vai sair por estes dias com mais um volume de sensação.

Da prosa e da poesia masculinas me ocuparei noutra crónica, que muito há para dizer. . .

Não quero, porém deixar de referir-me já hoje a um

novo que muito se está afirmando no romance e na novela — o escritor algarvio Assis Esperança.

«Fonambulos», linda colectânea agora publicada, é um livro de observação e crítica, de sentimento e expressão, que não só o salienta muito no nosso meio literário, mas bastante o impõe como novelista. Porque não ha aí, nessas 4 novelas, uma visão fugidia, meramente superficial dos transes da vida, mas é a propria vida que se nos representa, é a propria alma de cada personagem que se nos desdobra e revela inteiramente.

\*

Dentre os livros que sobre a minha mesa de trabalho aguardam as duas habituais palavras da critica, salientarei desde já: "Terras de Lenda" — Marrocos — por Oldemiro Cesar; "As Virgens" — novela — por Valeriano de Campos; "Portugal-Brasil" — orações de fé —, por Paulo de Brito Aranha; "Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da historia geral portuguesa", tese apresentada pelo Dr. Laranjo Coelho ao Congresso Cientifico Luso-Espanhol, de 1925; a mimosa "plaque" — "Argilla Sagrada", de Eduardo Scarlady, e dois volumes de versos de dois talentosos poetas açoreanos — Armando Côrtes-Rodrigues e Oliveira San-Bento.

Oldemiro Cesar, que iniciou a sua carreira jornalística no Porto, donde veio há 15 anos, é uma das mais interessantes e vivas organizações literárias do jornalismo contemporaneo. Escritor distinto, os seus livros resentem-se, toda-

via, das preocupações naturais do "reporter". As suas reportagens são, porém, sempre profundas, sem perderem nada de elegancia, viveza, expressão moderna e naturalidade.

Da sua visita aos campos de batalha do Riff, como enviado especial do «Diario de Noticias», em Setembro do ano último, resultou este belo livro, onde muito ha que aprender, ácerca dos costumes, historia, vida e paisagens do norte do Africa.

«As Virgens», de Valeriano de Campos, é uma novela sentimental bem urdida, num estilo límpido, sereno e doce. São três irmãs, a quem as labaredas da mesma paixão amorosa, ateadas pela inconsciente volúpia dum sonho dolorosamente romantico, bebido numa leitura de Gabriel d'Anunzio, consegue vestir um momento de ilusões vitoriosas e de esperanças, mas que breve se apagam e dissipam, deixando apenas lagrimas. . .

No numero seguinte falarei dos restantes.



OLDEMIRO CESAR

(Foto Medina-Porto)

# PÁGINA DO PORTO

## EXPOSIÇÃO DE PLANTAS DA CAMARA MUNICIPAL



1- Um aspecto da exposição: O sr. dr. Alberto de Aguiar, Presidente do Senado Municipal e professor da Faculdade de Medicina, observando, com a sua família, as flores expostas

○ ○ ○



2- Um grupo de visitantes: O general Comandante da 3.<sup>a</sup> Divisão, sr. Gastão de Sousa Dias, lido pelo Director-técnico dos Serviços dos Jardins e Arborização, Engenheiro Veloso de Araujo, nosso representante no Porto e pelos srs. João Dias da Silva, vereador desse Pelouro, dr. A. Pacheco Coelho, professor da Universidade, Taveira da Costa, chefe da 1.<sup>a</sup> repartição Municipal, etc.

A exposição de Cinerárias, Ciclamens e de diversas outras plantas da época, que a Camara Municipal do Porto levou a efeito nas dependências dos seus Hortos, atingiu um caracter de beleza e bom gosto, que o público portuense apreciou e louvou merecidamente. Tudo quanto o Porto conta de distinto, en-



3- Um aspecto do Porto, durante as ultimas cheias do Douro

○

### O DESCARRILAMENTO DE MODIVAS



4- Um dos vagons descarrilados

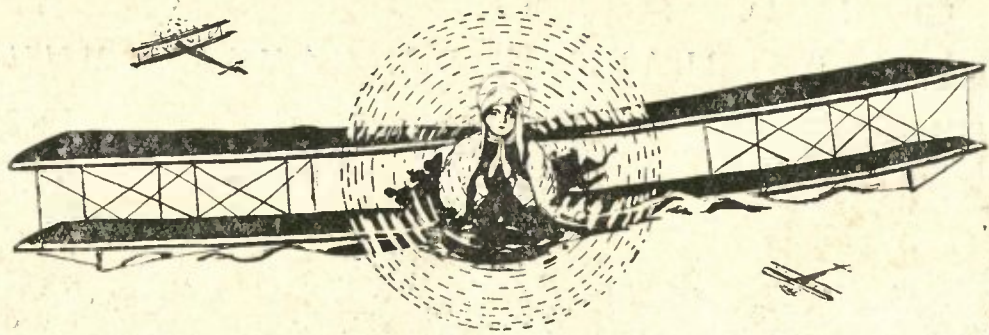
### O "BCAVISTA" VENCEU O "F. C. DO PORTO"

: POR 2 A 0 :



5- Um aspecto do jogo, no Campo do Covêio

(Fotografias especiaes para a «Alma Nova»)



## NOSSA SENHORA DO AR

OS AVIADORES ELEGERAM PADROEIRA DA AVIAÇÃO  
A "NOSSA SENHORA DO AR"

(Dos jornais)

A notícia é simples, pequenina, desprezenciosa... Mas que perfume e encanto dela se não evolam!...

Nós, que sempre fomos tocados um pouco pela Fé, parece que sentimos, e de novo, a renascer das cinzas do Passado, aquela chama misteriosa e divina que alumia os cérebros e aquece os corações. Como é doce e consoador ainda encontrarmos alguém, neste torvelinho das sociedades, ora desfeitas pela ambição, ora construídas pelo interesse, que se detenha aos pés de uma imagem ou de uma crença, e reze, e sofra, e chore.

Não sei se a raça dos heróis medievais, que vivem ainda na recordação longínqua dos poetas épicos, seria de novo possível com estes cavaleiros andantes das aventuras celestes. Mas já verifiquei, sempre que os meus olhos deparam no Infinito Azul com umas asas de avião cortando as nuvens, que as forças místicas e sobrenaturais que em mim residem, me representam, na figura branca do aeroplano, não a simples máquina que um motor anima, mas sim qualquer daquelas muitas figuras maravilhosas do Passado e da Lenda, que só viviam para Deus e para a Guerra. A cruz vermelha de Cristo que as asas esmalta, cresce então, alarga-se, espraia-se como uma onda de sangue, e a minha evocação começa a fazer surgir de entre as brumas do espaço, a personalidade do Templário, carregando intrépido a moirama, albornozes brancos ao vento, fugindo rápida na confissão de derrota, espadanando sangue, pedindo rendição.

Por vezes, nestes combates de todos os dias, o inimigo consegue derrotar o nosso Templário, e êle, precipitado lá do Alto, vem procurar na morte voluntária, na terra quente da sua Pátria, a absolvição nossa por não haver conseguido vencer a moirama rebelde de albornozes brancos...

Pois foi em uma destas pugnas, já quando a morte vinha estendendo os seus braços de volúpia para a sua nova vítima, que Nossa Senhora se lembrou de salvar para a Existência e para a Glória o incauto combatente. Os seus companheiros de armas, cá em baixo, viram o desenrolar da tragédia, e viram bem que foi Ela, Nossa Senhora, a cada de nuvens e de rosas, que veio correndo, correndo e soergueu e estabilizou de novo o avião, que já trambulhava no espaço, sem govêrno e sem vida!...

—Milagre!... Milagre!... gritaram todos os lábios anciosos. E milagre foi, na verdade!...

\*

A gratidão dos aviadores para com a Santa de todas as Santas, mostraram-a êles, agora, elegendo para padroeira e protectora da sua arma de perigo e aventura, uma das suas muitas personificações, por certo aquela que a todos mais aproxima e emociona — Nossa Senhora do Ar.

Que Ela os proteja!...

Que Ela os ampare e guie!...

Que Ela os acompanhe!...

MARCO

DE SANTELMO

(Desenhos de Domingos Assunção)



# Pe Perna

**E**STÁ por fazer ainda, segundo penso, o estudo da perna da mulher sob o seu duplo aspecto de política social e mundana. E entretanto nada tão necessário e tão pitoresco como esse estudo. Uma perna de mulher equivale a um mundo. Esse mundo equivale a uma multidão de almas. Se assim é, porque se não há de analisar esse mundo com o mesmo escrupuloso cuidado anatómico com que um relojoeiro examina a máquina dum relógio?

\*

A perna da mulher é limitada ao sul pelo tornozêlo e ao norte pela liga de seda que, numa carícia, prende a meia. O que fica áquem do tornozêlo ainda não é perna; o que fica além da liga, já não é perna. Pois bem, entre esse tornozêlo e essa liga está resumida uma mulher. Essa mulher pode chamar-se, sem dificuldade, «M.<sup>lle</sup> Perna». Sigamos, um momento, o dia elegante de M.<sup>lle</sup> Perna — com o mesmo curioso sorriso com que os nossos avós do século XVIII observavam uma caixa de rapé...

\*

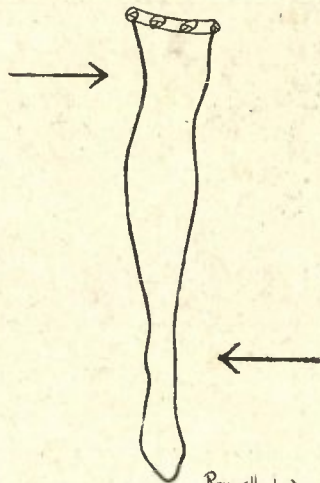
«M.<sup>lle</sup> Perna» acabou de saltar da cama, de mergulhar num banho de água tépida; de calçar umas meias de seda. Depois ela aí vai, pela casa toda, aos pulinhos, aos saltinhos, endiabrada e feliz como um gato perseguindo uma borboleta. Mas de repente — uff! — «M.<sup>lle</sup> Perna» atira-se para um «maple», cruza a perna, mostra a liga, como se abrisse a «Vie Parisienne», e murmura: — Onde irei hoje, meu Deus?!

\*

Uma hora da tarde. «M.<sup>lle</sup> Perna» leva duas horas a escolher as meias com que há de sair á rua e deslumbrar a cidade. A meia é a «mise-en-scène» das pernas. Parece que as modela, que as estiliza e que, ao escondê-las na sua malha de seda, lhes redobra o encanto. Compreende-se assim o mundo de meticulosidade, de observação e de paciência que «M.<sup>lle</sup> Perna» gasta — para calçar umas meias!

\*

Quatro horas. «M.<sup>lle</sup> Perna» desce o Chia-



Ramalho Louro

«M.<sup>lle</sup> Perna» cora, sorri, perturba-se, balbucia:  
— Louvado seja o vento!  
E logo os homens:  
— Amen!

\*

Seis horas. Hora do chá. «M.<sup>lle</sup> Perna» cruza a perna e, por baixo das mesas, permite-se o luxo de fazer troça das outras pernas — como uma mulher das outras mulheres. E' ouvi-la:

— Ai aquela, que fina!  
— Ai aquela, que grossa!  
— E a outra, que magra!  
— E esta, que torta!  
E a pequenina abelha da ironia zumbe, morde e passa...

\*

Meia noite. — «M.<sup>lle</sup> Perna» chegou a casa cheia de fadiga e de cansasso. E então não há nada mais triste e mais pungente do que «M.<sup>lle</sup> Perna», sentada na borda da cama, descalçando as suas meias de seda — já esburacadas...

LUIZ  
D'OLIVEIRA  
GUIMARÃES

\*



(Ilustrações de Ramalho Louro)

# PÁGINA DE TRÁS-OS-MONTES

## POR VILA REAL



Prédio onde viveram Francisco e José Rodrigues de Freitas, os maiores benfeitores do Hospital da Divina Providência de Vila Real e que acaba de ser demolido pela Camara Municipal

(Fotografia do Ex<sup>mo</sup> Sr. Alberto Meira)

### "FLORINHAS DA NEVE"

**E** UMA instituição de beneficencia, que se inaugurou em Vila Real, no dia 8 de Dezembro de 1925, por iniciativa do Sr. Arcebispo-Bispo, D. João Evangelista de Lima Vidal, a cuja inteligente actividade Lisboa deve a simpática instituição «Florinhas da Rua», quando aquele Prelado era Arcebispo-Bispo de Mitilene.

Propõem-se os instituidores das «Florinhas da Neve» recolher as rapariguinhas sem amparo de familia, sustentando-as, educando-as, e proporcionando-lhes mais tarde colocação condigna.

A direcção inicial da nova e prestante instituição foi confiada aos dedicados transmontanos srs. dr. Henrique Ferreira Botelho, médico; Francisco Antunes de Mesquita, provedor da Misericórdia; dr. Antonio Feliciano, médico; capitão Agostinho da Costa Lobo; Dr. José Tiburcio Monteiro, médico militar; e drs. Emídio Roque da Silveira e Júlio de Magalhães, advogados.



As primeiras «florinhas» com a sua dedicada professora



(Fotografias do Ex<sup>mo</sup> Sr Miguel Monteiro, nosso representante em Vila Real)

**A** VETUSTA capital transmontana está modificando por completo os seus característicos fundamentais, metamorfosando-se e num canto urbano sem nenhuma finalidade artistica.

A fúria do camartelo atingiu agora a última casa que restava da antiga rua do Rego, especime precioso da casa tradicional transmontana, além de haver sido a habitação dos maiores benfeitores do Hospital da Divina Providencia, os irmãos Rodrigues de Freitas (Francisco e José).

Não podemos deixar de sençurar o procedimento insólito da camara, que em vez de mandar destruir devia antes ter adaptado o referido prédio a um fim que bem simbolizasse o seu valor histórico, como por exemplo a instalação de um museu regional ou a organização duma Biblioteca.

M. SILVA

### FESTA DE BENEFICENCIA

Um grupo de alunas do liceu de Vila Real, realizou recentemente, no Teatro Circo daquela cidade, um sarau de beneficencia em que foi representada a "Canção das Rosas", tendo recebido os intérpretes os maiores aplausos.

Damos o distinto grupo com o seu ensaiador e promotor do benefício, dr. Guilhermino de Mattos,

# CAMILLO E CARLOS DE LAET

EM 1879, vinte e oito anos depois de Camilo Castelo Branco ter feito a sua estreia literária como romancista, publicando o *Anathema*, apareceu a primeira edição do seu *Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros*, que tanta celeuma levantou.

Apesar de Camilo gosar já então da justa fama de escritor consagrado, este seu livro foi severa e desagradavelmente criticado por alguns escritores nacionais e brasileiros, tendo um destes ultimos chegado ao extremo de chamar ao *Cancioneiro Alegre* — «livro de pulhas».

Camilo, que nunca recuou ante os ataques dos adversarios mais encarniçados e inteligentes, — como demonstrou não só nesta questão mas ainda na da Sebenta e nas polémicas com Alexandre da Conceição e Silva Pinto, — e que nem sempre sabia perdoar aqueles que o ofendiam, aceitou o repto e, de pena em riste, contundiou quanto pôde os seus adversários, alguns dos quais ficaram bastante mal feridos.

Mas, pondo de parte, por agora, esses casos, em que se não sabe que mais admirar, se a rudeza do ataque e da frase, ou a espontaneidade da resposta, vejamos com que vergastante ironia e profundo conhecimento da lingua pátria, Camilo, ora invocando Vieira, ora D. Francisco Manoel de Melo, ora Filinto Elísio, ora Castilho e tantos outros, se defende dos erros de linguagem que Carlos Laet e diversos escritores de então invejosamente lhe imputaram:

“Vem de molde agradecer nesta columna de sinceridades ao sr. Carlos de Laet, distincto collaborador da Revista brasileira, a moderação da sua critica ao *Cancioneiro Alegre*, que elle, na exeburancia do seu criterio, denominou “livro de pulhas”. Não de todos. Nacionaes e brasileiros ficaram bastantes de fóra. De resto, pareceu-me benigno e delicado o sr. Carlos Laet.

Respeito as criticas em que há delicadeza e latim. Este escritor zeloso do purismo da lingua, acusa-me dum erro gramatical nos seguintes termos:

—“O mesmo critico... encarniçando-se em dar caça aos peregrinismos brazilicos, que erradamente suppõe feição característica da hodierna poesia brasileira, vai cahir sobre umas *phalenas a esvoaçarem-se nos anda assus*, novidade importante, porquanto até ao penultimò paquete não constava neste paiz que o *esvoaçar* tambem fosse reflexivo”. —

“Eu não imponho ao sr. Laet a minha infabilidade em pureza de lingua; mas afouto-me a pedir-lhe que acceite a de Antonio Feleciano de Castilho, que escreveu (*Chave do Enigma*, pag. 210 e 221):

—“...Vivo como que empestado, semi pagão, semi classico, semi republicano dos Gracelos, semi conviva de Mecenas, semi Titero, semi captivo das Corinas e Delias, e, com tudo isto, a *esvoaçar-me* sempre da poesia que foi, ou que se nos figura lá traz, para outra, que lá ad nte ri aos tantos amigos da humanidade, aes utopistas”. —

“Ahi tem o sr. Laet o verbo reflexo. O visconde não foi quem criou o *esvoaçar-se*; achou-o em Filinto Elysio; mas, se o criasse, a sua authority é tão poderosa que nenhum de nós pode regeitar moeda nova cuhada por Castilho. O verbo reflexo, portanto, deve estar ha muito tempo no Rio.

“Será bom procural-o na alfandega.

“Outro escriptor brasileiro, o sr. Arthur — da lendaria bengala — tambem me atacou porque eu no *Cancioneiro* escrevi “contentar-se em...” Parece querer indicar-me que eu, se soubesse portuguez, escreveria “contentar-se de...”

“Ora eu, ás vezes, gosto de escrever mal a minha lingua, como D. Francisco Manoel de Mello; e eutão escrevo como elle nos *Relogios Fallantes*:

“Nenhuma arvore vereis que se contente em ficar no estado em que a plantaram”.

“Os senhores escriptores brasileiros, que me enviam prelecções de linguagem portugueza, se me quizerem obsequiar d’um modo mais significativo e proveitoso, mandem-me um papagaio, uma cotra e alguns frascos de pitanga.

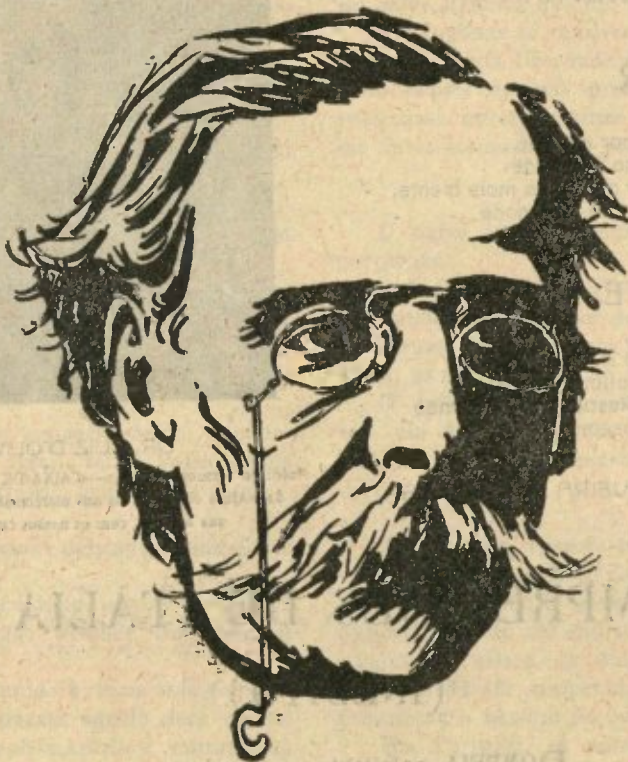
“Quanto a linguagem, muito obrigado, mas não se incomodem”. (*Echos Humoristicos do Minho*, n.º 2, pag. 10 a 12).

A resposta de Camilo, dada nos termos atraz citados, não podia ser mais chistosa, nem diferente do que foi.

Dêsse modo lugrou convencer e reduzir ao silêncio aqueles que, imprudentemente, tentaram apoucá-lo.

Não é também menos curioso o modo desabrido porque, no *Cancioneiro Alegre*, a propósito do emprêgo de uns pronomes pessoais, Mariano Pina é tratado por Camilo que, tendo sido aos nove anos aluno do velho professor João Inacio Minas Junior, ainda pertencia ao tempo “em que se aprendia syntaxe”, o que hoje em dia, infelizmente, nem toda a mocidade pode asseverar.

Nuno Catharino Cardoso



MASCARA DE CAMILO  
por Cristiano de Carvalho

“CAIXA DE AMENDOAS”

VERSOS ERRADOS ? DECERTO.  
ERRADOS COMO TU QUERES...  
NUNCA AGRADOU O QUE E' CERTO  
A UMAS CERTAS MULHERES...

“TOILETTES” MODELO

Recebi, minha amiga, a sua carta azul.  
Se estou de acôrdo? Estou. Espéra-a no “Rendez-vous”.  
Cinco horas. Sem falta. Vau vestida de tulle.  
E você como vai? Vai vestida de... nú?

AMOR

Jureite, meu amigo, o meu amor ardente.  
Não foi uma loucura, nem uma futilidade.  
E' porque neste mundo quem mais jura mais mente,  
E mentir, em amor, quási sempre é verdade...

DOENTE

Um dia adoeci. Seria o coração?  
Fui consultar um médico. Auscultou-me. Depois  
Preguntou-me: “E' casada?” Respandi-lhe que não  
Poís se quiere um remédio — casemo-nos as dois.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES



DR. LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES,

Autor do formoso livrinho—«CAIXA DE AMENDOAS»— agora publicado, em edição da «Alma Nova», e de que oferecemos uma pequena amostra às nossas gulosas leitoras, com os nossos cumprimentos de «Boas Páscoas».

IMPRESSÕES DE ITALIA

(INÉDITO)

**P**OMPEIA, palpitante, viva, ardente  
Ao sól que abraza a terra requeimada.  
Ruínas onde a gente vê e sente  
Pompeia outra vez ressuscitada!

**V**ENEZA evocadora e misteriosa,  
Com restos do Oriente nos seus cais.  
Veneza, a boiar como uma rosa  
Na água adormecida dos canais!

**F**LORENÇA, terra da Arte e da Beleza.  
Florença, onde floresce a flor-de-lis.  
Versos de Dante pairam numa reza.  
Na Ponte Velha passa Beatriz!

**R**OMA, das fontes de águas crystalinas,  
— Águas claras correntes a cantar —  
Cidade que marcou sete colinas  
P'ra eternamente nelas assentar!

Maria Magdalena

# COMO SE NAMORA HOJE • NA INGLATERRA •

A LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES



Cupido por toda a parte tem batido as suas azas brancas e ligeiras — e atirado, com mais ou menos certeza pontaria, as suas sêtas docemente venenosas, as suas sêtas mortíferas...

Na Inglaterra nem todos morrerão de amor, mas todos, elas e êles, amam pelo menos uma vez na vida.

Os latinos costumam injuriar os nossos aliados, afirmando que êles teem o coração frio. Eu não acredito muito neste ignominioso boletim de temperatura. Não acredito, porque muitissimas vezes, passeando pelos famosos parques de Londres, pude surpreender intranquilos idílios e, a serem os inglêses frios, serão êles e não elas...

E' certo que o amor na Inglaterra é um amor do século vinte, um amor bem educado, um amor civilisado, um amor sem ciumes...

Não se ama hoje como se amava ontem — porque as mulheres e os homens de hoje, não são como as mulheres e os homens dos tempos passados.

Os tempos mudam, e os homens e as mulheres ainda mais.

No século dezanove amou-se romanticamente, doentia-mente. Creou-se esta definição: — amar é sofrer. Pouco depois alguém, com uma dolorosa sinceridade, modificou-a para: — o amor é a morte.

E morrer de amor foi um prazer delicado e uma glória suprema.

Os que não podiam ou não sabiam morrer de tristeza ou de tuberculose, morriam como Werther, com um tiro de pistola...

Felizmente hoje o menino Cupido bate as áas de outro modo, e as suas sêtas já não trazem aquele doce e fatal veneno — que foi ao mesmo tempo martírio e ventura dos nossos avós e das nossas avósinhas...

Felizmente que os tempos mudaram e ao amor violento e doentio, que matava, sucedeu o namoro, fútil embora, mas mais delicado, mais civilisado, — que nos diverte e nos dá a alegria de viver.

\* \* \*

Na Inglaterra não se namora como em Portugal. Encontram-se uma rapariga e um rapaz num *park* ou numa casa de chá. São livres e simpatizam um com o outro? Trocam um sorriso de amizade e apertam-se as mãos, como se fossem velhos amigos. Não diz a Bíblia Sagrada que todos somos irmãos? Porque não hão de os dois acamaradar no passeio ou no chá? E os dois, como bons amigos, tomam o seu chá ou dão um passeio juntos.

Se durante o passeio ambos descobrirem mútuos sentimentos e iguais predilecções — combinam um novo encontro para uma partida de *tênis* ou para um novo passeio.

Depois, é natural, os encontros sucedem-se. Tornam-se amigos inseparáveis. Será isto namoro? Talvez. Será isto amor? Ainda não. Para que seja amor é preciso que um deles o confesse.

Ora a confissão deve ser acompanhada por um beijo,

um beijo longo, um desses beijos que só as inglêsas sabem dar, perturbado e violento, em que arde todo o sangue das veias, mas em que elas põem também toda a inocência da sua alma.

E enquanto esse beijo se não troca, não se consideram noivos.

\* \* \*

As inglêsas nunca teem pressa de casar. O casamento é um jugo e as inglêsas presavam muito a sua liberdade.

O noivo deve ser sempre *gentleman*. Ser *gentleman* em amor significa que êle nunca deve ter ciumes dela.

As inglêsas só resolvem casar-se, quando os noivos lhes garantem muita liberdade e poucos ciumes... Então elas, e só depois de essa promessa, conduzem as victimas a suas casas, apresentam-nas ás respectivas familias, que raras vezes contrariam as predilecções das filhas.

\* \* \*

O noivo inglês é muito mais feliz do que o noivo português.

O inglês pode beijar a noiva, mesmo diante da mamã que nunca chega a ser sogra, nem antes nem depois do casamento. Em Portugal, para infelicidade de todos os rapazes, as sogras, antes de serem já o são...

O noivo inglês passeia só com a sua namorada, vai com ela aos teatros, aos cinemas, aos dancings. Só uma condição é imposta aos dois — não regressarem a casa depois da meia noite...

\* \* \*

Em Portugal namora-se de modo diferente. Ela, na janela, á moda das lendárias prisioneiras de castelos, e êle na rua. Conforme a posição do noivo, assim a espécie de namoro. Se êle se encosta á parede fronteira — chama-se namoro de estaca, se êle fala plantado no meio da rua, em risco de sêr atropelado por algum automóvel, o nome é outro: é o namoro de estafermo...

Em Portugal, os noivos nunca saem sós. E porque? Repetirei a propósito esta anedocta:

Ela e êle, sentados num banco da Avenida da Liberdade. Ao lado, vigilante, a mamã da menina. E' uma linda tarde de primavera. O sol convida a passear.

—A titi dá licença para um pequeno passeio? — pede, com humildade, o inocentíssimo Romeu.

—Não, — responde severamente a matrona, meneando a cabeça.

—Não tem pois confiança em mim? — pergunta êle com certo apurmo.

—Tenho.

—Então, não tem confiança na prima Ivone — comenta êle, com muito pouca inocencia.

—Também tenho. Porém nos dois juntos é que não tenho confiança nenhuma — termina a circumspecta mamã.



Rebello de Betencourt

MARCO  
XXI

# FOLCLORE NACIONAL

## A "DOLORES" DE CATALAYUD E A "MARIANA" DO ALEMTEJO

**H**A ditos, ha frases e ha quadras que ferem fundo na alma pundonorosa dos povos. Entre estas ultimas podemos citar a da celebre "Dolores" de Calatayud, que é o maior pesadelo dos bons e honrados aragonêses daquela região.

Essa quadra—ou antes, êsse epigrama—de autor desconhecido, mas por certo dalgum amoroso despeitado, permaneceu oculta no folclore aragonês até que um dia Feliú y Cardiva arquitetou sobre ela o seu famoso drama "La Dolores"—uma deliciosa pintura de costumes aragonêses—e Tomás de Breton a sua magistral ópera do mesmo nome. E eis que, com grande pesar dos de Calatayud, a pequenina quadra toma vulto, atravessa os estreitos limites daquela região e galga fronteiras, tornando-se conhecida de muitas gentes, ela que era segredo e pesadelo de poucos.

Querendo resgatar êsse mal, querendo neutralisar com um antidoto o seu efeito molesto na honra das suas mulheres e na sua, a Camara de Gatalayud abriu concurso entre os vates do reino vizinho para que compozessem a quadra salvadora, oferecendo um valiosíssimo prêmio em dinheiro. Entre seis mil concorrentes nenhum agradou ao magoado juri, que teve de desistir dos seus intentos. Em segundo concurso, aberto pelo "A. B. C.", houve então um primeiro prêmio. Surtirá ele o efeito desejado?

\*

\* \*

Nos meus estudos de falclorismo nacional, deparei um dia com uma quadra referente ao Alemtejo, que resa assim:

"Se fores ao Alemtejo  
"Pergunta por Mariana;  
"E' uma cachopa bonita  
"Que sabe fazer a cama.

E tem enormes semelhanças com aquela de Catalayud.

"Si vas a Calatayud  
"Pergunta por la Dolores  
"Que es una chica muy guapa  
"E amiga de hacer favores.

Que eu saiba ninguem entre nós se referiu a tal copla ou fez um estudo comparativo entre as duas. Nenhum poeta ou músico a tomou como assunto das suas composições. Por a desconhecem? Todavia já ela safu dos limites do Alemtejo, porque eu colhi-a no Minho, é certo que de um trabalhador que vivera na Estremadura.

Eu não quero de maneira nenhuma divulgar a quadra, mas apenas registá-la sob o ponto de vista folclórico e comparar as duas.

O seu auctor, como os de tantos milhares de outras quadras populares, é desconhecido. Não tenho estudado o onomástico alemtejo e não sei, portanto, se o nome de Mariana é vulgar naquela província. Não errarei muito se afirmar que foi uma Mariana a diva que lhe deu origem. Que depois de colher o fruto da sua cama bem feita se lhe pague com uma quadra daquelas, é negra ingratidão!...

Oxalá que ela nunca tenha o renome da de Calatayud, para que se não torne um pesadêlo aos nossos alemtejanos, nem os obrigue a terçar armas pela honra das suas mulheres e da sua tão maltratada na epigramática copla.

*Afonso do Paço*



# O PROFETA DO OUTEIRO

**F**AZIA uma vida cândida de santo o padre Bento. Guardando ainda na memória os pecadilhos da sua mocidade, devotava-se ao sacrifício e à renúncia dos fulgedos para que, gisado o perdão divino, fôsse envolto nas bênçãos celestes, à hora da morte.

Rígido cumpridor dos deveres sacerdotais, como simples mortal era um exemplar de bonacheirão sádio e taramelava pelos cotovelos com tóda a gente que buscava a sua companhia ou reclamava a prudência dos seus bons conselhos, nos atalhos pedregosos da existência.

O seu nome andava de boca em boca. Citavam-no os operários dos campos, as mulheres das ceifas e das vindimas, os taberneiros das locandas, os donos das *belgas* humildes, os fidalgos e os morgados, os empreiteiros urbanos, os pastores e os abegões, como exemplo rigoroso de virtudes cristãs.

A sua casa, modesta na aparência mas onde se aninhava um conforto espiritual digno dos velhos retiros conventuais, não era rica. Tinha, porém, o *quantum satis* de uma vida pacatamente feliz, nos domínios da economia, perfeitamente harmônica com a salubridade rústica da aldeia. Altaneira no vértice de um outeiro, das grades do seu mirante disfrutava-se um ambiente panorâmico, em cujos meandros embriagantes havia de tudo: — Longas manchas de campestre verde-escuro, toalhas líquidas empanturrando os lameiros, longes pintados de nuvens a cavalgarem sobre o dorso dos Hermínios, céu e sombra, luz e treva.

Era ali que o padre Bento passava a maioria das tardes estivais, quando não trazia gente de fóra a trabalhar nas terras, folheando o breviário, que era o seu companheiro inseparável e mandando recados, aos santos e a Deus, na sinceridade das suas resas votivas. Como chefe de família, cumpria tódas as obrigações da moral religiosa, sustentando de alimentos e vestuário os parentes necessitados, albergando-os na sua vivenda, mandando-os educar no regime prescrito da escola primária.

A miséria dolorosa da aldeia tocava-lhe o coração e nunca um mendigo se abeirava d'ele que não desenhasse um gesto de amargura, bailando-lhe nos cílios lágrimas sentidas, ao tirar do bolso do colete o cobre esverdeado dos cinco reis de esmola. A sua mesa de jantar era franqueada a tóda a gente: — aos vizinhos e aos colegas, aos forasteiros e aos amigos. Não tinha aldrabá a porta da sua casa.

Um modesto fêcho de madeira estava ao alcance da procissão de visitas que todos os dias procuravam o padre para oxigenarem o espírito, conversando um pouco.

O padre Bento era em tudo um beirão de lei e um sacerdote de regra. Devoto impenitente de anedotas, quando os amigos lhas contavam, frescas e novas, soltava estrídulas gargalhadas, contraindo os músculos da face, pelo que, às vezes, deixava cair as lunetas encastoadas da ponta do nariz.

Conhecedor dos segredos de tódas as raparigas da aldeia, revelados na fila interminável das épocas quaresmais, nunca praticou uma indiscreção nem as faces das donzelas sentiram jámais o rubor da inconfidência atirada pelos seus lábios aos quatro ventos da curiosidade popular. E, no entanto, foi sempre o solícito casamenteiro da região. Caprichava em patrocinar tódas as tendências sentimentais dos corações da mocidade. Já que a profissão o inibia de praticar essa galanteria, tinha por dogma filosófico o princípio de que, se todos os homens fôsem padres e as mulheres professoras, a Beira, o país inteiro, o mundo, enfim, despovoar-se-iam, arremessando para os cemitérios frios as últimas sementes do proibido fruto humano.

Missa que êle celebrasse, na gravidade do seu aprumo arceprestal, lograva sempre seguras enchentes de fieis que entregavam os destinos das almas ao apocalíptico latim das suas orações.

Uma vez por outra abandonava o seu mirante da leitura sagrada para dar um pouco de ginástica ao corpo, entre a folhagem alcachofrada do seu quintal, desse-entando o espírito no aroma vivo dos trevos e das malvas de que era insigne protector.

Mas nem tudo oferecia o viço e a essência das rosas, na que' tude vital do padre Bento. Pecados esti hos afrontavam a sua alma, precipitando a bastas vezes no sofrimento mais duro. Um pobre casal, vivendo paredes meias com a amurada do seu páteo, dava-se mal. O homem passava a maior parte do tempo nas tabernas, afofinhado em copos de vinho, jogando as cartas e entregue a companhias suspeitas que de há muito haviam merecido a mais severa proscição da igreja. Uma vez em casa, altas horas da noite, despertava do sono os vizinhos, pragnejando, tecendo injúrias contra Deus, sovando a mulher que, pelos modos, também não era devoto rigorosa dos sagrados princípios familiares. Aquele negro exemplo de perversão moral, numa aldeia em cujos lares a doutrina reli-

giosa era cumprida fielmente, não podia continuar assim. Tempo viria em que Deus, aborrecido de tanta maldade e insensatez, faria cair sobre os tectos da casa rebelde o peso da sua justiça vingadora.

— Em que estado de educação — dizia o padre Bento — atingiriam a idade púbere os filhos tenros de semelhante casal? Era urgente uma obra de resgate daquelas crianças sujeitas a um regime de costumes prostituídos e relapsos. Mas o padre Bento, incapaz até de apoquentar as moscas que lhe zurziam os ouvidos, nunca se dispoz a confiar a questão ao regedor da aldeia, pois que a justiça terrena muitas vezes não se inspirava nas superiores lições do código apostólico.

(Conclue no próximo numero)

AFONSO CORREIA



PADRE BENTO

(Des. de Saavedra Machado)



## JOGOS

# XADREZ

O Jogo do xadrez é um exercício intelectual que atrai a atenção sem necessidade de um estímulo lucrativo. Muitos o julgam, erradamente, uma abstracção preciosa, demasiado frívola para passatempo sério, e demasiado séria para passatempo frívolo.

Como todas as manifestações do engenho humano, o xadrez é coisa séria ou frívola conforme o talento, o temperamento e a dedicação dos seus cultores. Exigindo a aplicação das mais nobres faculdades na maior extensão do seu poder, torna-se, evidentemente, um esplêndido exercício mental: exercício do raciocínio, pela necessidade de cálculo, a comparação das posições, o hábito das combinações; e exercício de memória, pela necessidade da aplicação constante de princípios estabelecidos pelos mestres e verificação desses princípios. Divertimento que encanta, finalmente, pela imensidade de horizontes que revela e pelo mistério fascinante de algumas das suas concepções.

O «nobre jogo, jogo de nobres» tem, por isso, merecido em todos os tempos o maior interesse das mais altas individualidades. Conquistadores como Cesar, Carlos Magno, Guilherme da Normandia e Napoleão; testas coroadas como Filipe II, Izabel de Inglaterra, Frederico o Grande, D. João II — que, no dizer de Rezende o jogava todos os dias — e D. Sebastião; filósofos como Voltaire, Diderot e Rousseau — que desistiu de se fazer profissional pela impossibilidade de atingir a 1.<sup>a</sup> força — Leibnitz, Goethe e Tolstoi; poetas como Alfred de Musset; matemáticos como Euber e Jaenish; todos o consideraram um passatempo incomparável, não desdenhando dedicar-lhe os seus momentos de ócio.

Na opinião universal o xadrez é hoje considerado como bela-arte. Muitos lhe chamam sciência e o tem comparado ás matemáticas superiores.

Considerando-o, pois, como uma arte e pondo de parte o valor prático que lhe possa ser atribuído como método de ginástica intelectual, restar-lhe-há, dentro dos seus limites modestos, um valor de natureza identica ao que possuem as artes emotivas.

E', contudo, difícil fazer compreender ao leigo a intensidade de beleza, no puro significado da palavra, que existe em algumas concepções de Andersen, por exemplo, um dos maiores artistas de taboleiro do século XIX. No entanto, os admiradores proclamam que o 19.<sup>o</sup> lance de duas das suas produções revela a marca de um génio perfeito e chamaram a essas produções, — uma, a «imortal», outra, a «sempre-verde». Morphy, o príncipe do xadrez; o filósofo germânico Em-Lasker, ex-campião do mundo; Capablanca, actual campeão, e Alekhine, possivelmente o futuro cam-

pião; os antigos e extraordinários Philidor e La Bourdonnais, são também artistas de puro quilate, em cujas obras o mundo do xadrez fixa os olhos com a maior admiração.

E este mundo do xadrez tem hoje uma importância que não é pequena.

Na Alemanha, onde ha para cima de 500 clubs, na Holanda, Belgica, Inglaterra e França, nas duas Américas, por toda a parte, emfim, onde a civilização é grande, federações de xadrez bem constituídas dirigem uma intensa propaganda no sentido de multiplicar o número de adeptos e crear jogadores bons. Na Rússia, país que possui um número de mestres de xadrez igual ao número de amadores de muitos outros países, acaba de fundar-se em Moscova uma «Academia de xadrez» com o programa seguinte:

1.<sup>o</sup> — Lições de aperfeiçoamento para os jogadores de Moscova; cursos para principiantes; conferências de propaganda.

2.<sup>o</sup> — Ensino secundário dos professores da provincia.

Os cursos são de 3 mezes. O governo dos «soviets» fundou essa Academia convencido do grande valor do xadrez como agente educativo.

Por toda a parte, emfim, os jornais e revistas de maior circulação publicam secções de xadrez, não falando, é claro, das revistas da especialidade, que as ha em todas as línguas... e até em português, mas no Brasil.

A «Alma Nova», dispondo-se a manter também numa pagina de xadrez, presta um bom serviço aos amadores portugueses.

Procuraremos publicar, tanto quanto possível, partidas e problemas que tenham algum interesse teórico para o estudioso e de cuja análise lhe resulte algum ensinamento.

M. Pereira Machado

Toda a correspondencia sobre esta secção deve ser enviada ao Dr. M. P. Machado — Grémio Literário, R. Ivens, 37 — Lisboa.

## CHARADAS E ADIVINHAÇÕES

### CHARADAS EM FRASE:

- 1 — Neste *jogo* o *escritor estrangeiro* é muito *garoto*. 2-2.
- 2 — A *substancia* que a *mulher* me trouxe foi dada por um *homem*. 1-2.
- 4 — O *homem* apanhou uma *doença* por causa do *mau tempo*. 1-2.

### CHARADAS GEOGRÁFICAS:

Formar o nome de duas terras portuguesas com as letras da seguinte frase:

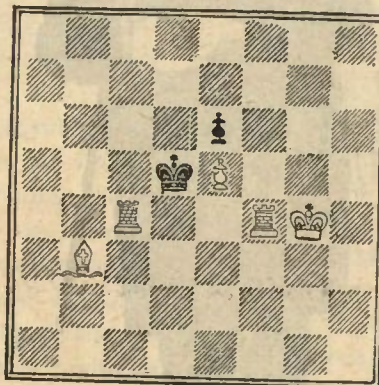
NEM RATAS, NEM BLOTE.

D. ALEIXO

### PROBLEMA N.º 1

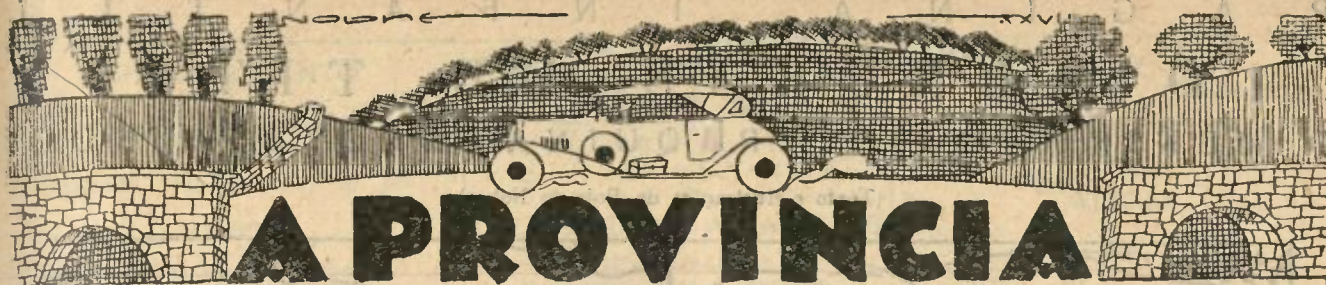
ASPA (italiano)

Pretas: 2 peças



Branças: 5 peças

Mate em 3 lances



As feiras internacionais de Leipzig, de Marselha, de Bordeaux, de Riga, de Ostende, de Namur, de Lyon, etc. têm fama mundial e enchem páginas das mais autorizadas revistas que se ocupam, por aí fóra, da propaganda comercial.

\*

Portugal não realiza feiras internacionais e muito escassamente concorre às que se organizam lá fóra. Todavia, as nossas populares feiras e mercados, tradicionalíssimas, vindo quási dos fundamentos da nacionalidade, oferecem larga soma de aspectos típicos, de características genuinamente nossas; que seriam interessantes para olhos estrangeiros, como documentação do que é e vale o nosso esforço industrial e agrícola. As nossas feiras e mercados, certamens de riqueza e espectáculos de alegria, — festas populares por excelência — são acima de tudo, uma força de influencia tradicional na vida económica da nação.

Isto significa que seria útil aproveitá-las para a propaganda e selecção que lá fóra se realizam com as chamadas feiras internacionais.—M. G.



## AS NOSSAS FEIRAS E MERCADOS

CERTAMENS DE RIQUEZA  
E ESPECTÁCULOS DE ALEGRIA

NO estrangeiro trabalha-se sempre, com afincos, na propaganda dos valores económicos provenientes, principalmente, da actividade industrial e das fainas agrícolas.

Realizam-se muitas exposições, sobretudo as chamadas feiras internacionais, e a elas acorrem produtos de todo o mundo, estabelecendo-se assim um confronto que dá margem a ensinamentos valiosos e uma propaganda que, por ser nitidamente prática, resulta eminentemente útil.



Três aspectos  
de  
uma feira no Algarve  
1 — Louça de esmalte; 2 — Fruta;  
3 — Empreita

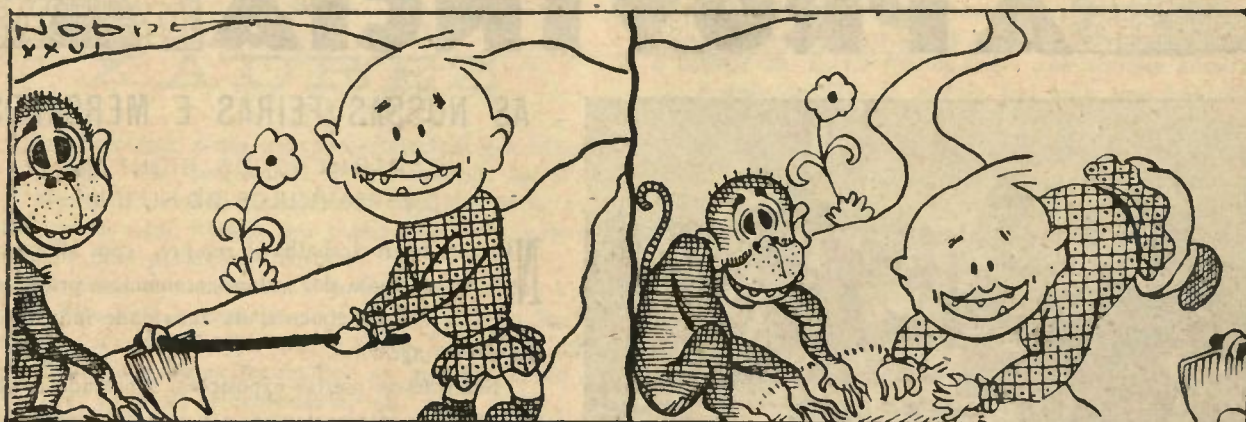
oo

### EXPOSIÇÃO DE SEVILHA

Já foi nomeada a comissão que há de deliberar sobre a representação portuguesa neste certamen, que deve realizar-se em 1927.

P Á G I N A I N F A N T I L  
 DIABRURAS DE TITO  
 O MENINO MAIS TRAQUINA DESTE MUNDO!

(Texto e ilustrações de Roberto Nobre)



"Tito", o menino endiabrado, foi passar as férias da Páscoa á aldeia, mais o seu inseparável amigo "Zuca", que é também um grande macacão. Os dois para se divertirem um pouco, pegam na enxada do fazendeiro e vão abrir uma cova no caminho...

...Depois de bastante funda, tão funda que qualquer deles podia caber lá dentro, para que se não percebesse, os dois traquinas tapam a cova com palhas e terra...



.. Ora, pelo caminho adiante, sem nada suspeitar, vinha um burrinho carregado, á frente do seu dano...

"Tito" e o macaco, para que o dono do burro os não visse, empoleiraram-se á pressa numa árvore que estava próxima e aí ficaram aguardando o resultado da sua diabrura...



...e num segundo... catapuz!... Eis o pobre burro de patas para o ar, entre os sacos da pesada carga e uma perna partida!

... Mas o "Tito" também teve o seu imediato castigo, pois quando melhor estava a rir de tão feia maldade, escorregou do lugar em que se encontrava empoleirado, e foi por um triz que não perdeu a vida!...

RESSURGIMENTO  
EDITORIA

Calçada João do Rio, 8, 1.º  
LISBOA

SANGUE D'EPOPEIA — A Artilharia Portuguesa na Flandres, por <i>Mateus Moreno</i> , tenente de Artilharia, 1 vol 1 .....	4\$00
NA GUERRA E NA PAZ — SINFONIA MACABRA. id., (3 ed) .....	2\$00
MINHA PATRIA — Poema em 3 livros e 3 jornadas, id. id., 2.ª edição broch., 3\$00, cada livro .....	1\$00
CANTIGAS — (2.ª edição, por <i>Rebello de Bettencourt</i> , com prefácio de <i>Luiz Cabves</i> , 1 vol. broch. ....	2\$50
OS DE ANACREONTE — por <i>Luiz Calado Nunes</i> .....	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS — por <i>Oldemiro César e Cruz Magalhães</i> , 1 vol. broch com il. de <i>Rafael Bordalo</i> .....	5\$00
«ALMA NOVA» vol. I, II e III da 3.ª série, cada, enc. 2\$500 hr ch. ....	15\$00
O INVEROSIMIL — Conferencia Proibida, original do insigne escritor e moralista <i>Lorde Pechincha de Nadavale</i> .....	2\$00
A EDUCAÇÃO MORAL Pelos exercícios de redacção, (com a melodia deste em sino), por <i>José Guerreiro Murta</i> , prof. efectivo dos liceus, recomendado pelo D. do Governo. ....	4\$00
DA VERDADE, por <i>João José Gomes</i> .....	2\$50
EÇA DE QUEIROZ — «Revelado por uma illustre senhora de sua família» D. C. d'Eça de Melo .....	2\$50
CONTOS PARA CRIANÇAS, por <i>D. Branca Lopes Martins</i> , com ilustrações de <i>Roberto Nohre</i> Ed. <i>Maranus</i> — (Porto) .....	8\$00
A ENTREVISTA, por <i>Cruz Magalhães</i> , 1 op. lis. ....	1\$00

A PUBLICAR:

O DESENHO E A MULHER, no labor artistico de *Rafael Bordalo* por *Saavedra Machado*.  
A NOVA GUERRA, por *Mateus Moreno*.

DIREITO PORTUGUÊS  
E  
BRASILEIRO

M. GOMES DOS SANTOS  
ADVOGADO

Com Procuradoria  
no Brasil

R. DA VITORIA, 53, 3.º  
TELEFONE CENTRAL 3156  
LISBOA

LEIA  
SANGUE D'EPOPEIA

A ARTILHARIA PORTUGUESA  
NA FLANDRES

POR

MATEUS MORENO

EDIÇÃO PROFUSAMENTE ILUSTRADA  
COM PREFÁCIO  
DO

Comandante da 2.ª Divisão do C. E. P.  
e Coronel *Maia Pinto*  
COMANDANTE DO GRUPO QUE FÊZ A  
ARRANCADA DA VITÓRIA  
1 Vol. Broch. 4\$00

“ALMA NOVA”  
LEITURA AMENA  
E INSTRUCTIVA

A  
1 E 15 DE CADA MÊS

PROFUSAMENTE ILUSTRADA COM FOTOGRAFIAS, CARICATURAS E DESENHOS, REFERINDO OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA QUINZENA

EM TODOS OS NÚMEROS  
ESTUDOS DE TODO O PAÍS

E  
SENSACIONAIS  
REPORTAGENS  
GRÁFICAS

•  
A MAIS  
ELEGANTE

•  
A MAIS  
DIVULGADA

•  
A MAIS  
MODERNA

•  
A MAIS  
BARATA

DAS

REVISTAS PORTUGUÊSAS

ASSIGNATURAS

CONTINENTE E ILHAS:

TRIMESTRE . . . . .	8\$50
SEMESTRE . . . . .	16\$00
ANO . . . . .	30\$00

COLONIAS PORTUGUESAS:

SEMESTRE . . . . .	22\$00
ANO . . . . .	40\$00

ESTRANGEIRO:

SEMESTRE . . . . .	30\$00
ANO . . . . .	50\$00

(PAGAMENTO ADEANTADO)

NUMERO AVULSO 1\$50

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
263-R. DA ESCOLA POLITECNICA-267  
LISBOA

AOS NOSSOS AMIGOS  
LEITORES E ASSINANTES

A TODOS PEDIMOS A SUA COOPERAÇÃO, PARA FAZERMOS DA “ALMA NOVA” A GRANDE REVISTA DE QUESEPRECISA.

TUDO O QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES TERA 50 % DE DESCONTO NA SUA ASSINATURA, O QUE NOS OBTIVER 10, RECEBERA 1 ASSINATURA GRATIS

TODOS OS ASSINANTES TÊM 20 % NOS LIVROS EDITADOS PELA EMPRESA “ALMA NOVA”

ROYAL  
PHOTO

ATELIER

DE

ARTE PHOTOGRAFICA

SANTOS & RAPOZO, L.ª

RUA DO CARMO, 55, 1.º (AO CHIADO)

LISBOA — PORTUGAL

GRAND PRIX

NA

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO

RIO DE JANEIRO

DE 1923

REDACTORES FOTOGRAFICOS

DA “ALMA NOVA”, EM LISBOA

(TRABALHOS DE ATELIER)

FRAGOZO FERNANDES

ADVOGADO

Questões civeis, commerciaes e criminaes

RUA DA VITÓRIA, 53, 3.º E.

TELEFONE CENTRAL 957

LISBOA

MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS-OS-MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43

ooo

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fototipias artisticas, tais como bisbetes postais com vistas, albums, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc.

Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos historicos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelos. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as respectivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR ORÇAMENTOS

# CONSERVARIA LISBONENSE

FABRICA ELECTRO-MECANICA  
DE CONFEITARIA E CONSERVARIA

DE

**M**AURICIO  
BRANCO & <sup>DA</sup>  
SOARES **L.**

35, RUA DAS  
PEDRAS -  
NEGRAS, 37

TELEFONE  
C. 4226

LISBOA

FABRICO  
ESMERADO EM  
AMENDOAS, MAR-  
MELADA, FRUTAS  
COBERTAS  
E  
CRISTALISADAS  
E DOS  
AFAMADOS



REBUÇADOS DE FRUTAS E ALTEIA LISBONENSES

EXPORTAÇÃO PARA AS ILHAS, COLONIAS E ESTRANGEIRO

ENVIAM PARA TODA A PARTE CARTONAGENS FINAS  
DOS SEUS PRODUCTOS, PROPRIAS PARA BRINDES